

Valtair Miranda

O que é Escatologia?

Para pensar sobre o fim



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

*Neste sétimo tempo que é próximo
cessarão as aberturas dos selos
e o trabalho de expor os livros do Antigo Testamento,
e será verdadeiramente concedido o repouso sabático ao povo de Deus;
naqueles dias haverá também justiça e abundância de paz,
e o Senhor reinará de mar a mar,
e os seus santos reinarão com ele até o fim oculto do seu tempo .*

(Joaquim de Fiore, De septem sigillis, 1135-1202).

SUMÁRIO

Palavras iniciais	9
I. O fim do mundo e do indivíduo	11
II. A escatologia nos tempos bíblicos	21
III. A escatologia cristã na história	57
IV. Correntes escatológicas	65
v. Como fazer escatologia no tempo presente	71
Conclusão	79
Sobre o autor	83
Referências e sugestões de leitura	85

PALAVRAS INICIAIS

Escatologia é uma parte da teologia que se preocupa com o fim. O fim do indivíduo, bem como o fim do mundo.

No caso da escatologia cristã, ela exprime a convicção de que a história inteira está nas mãos de Deus e que só encontrará sua plenitude em Cristo, a personificação da promessa de Deus. É essa promessa que nos induz a pensar. É ela, também, que nos incita a agir.

Nesse sentido, o critério das nossas falas sobre o futuro, de cada descrição sobre o fim do mundo, daquilo que falamos sobre a morte, de cada enunciado sobre o fim deve partir do que aconteceu com Cristo e dos seus desdobramentos.

Uma escatologia que esquece o presente e considera seus enunciados sobre o futuro simplesmente como declarações sobre o tempo que há de vir, induzindo as pessoas a fugirem do aqui e agora é inadequada e alienante. Ela atrasa a caminhada, promove miopia histórica e impede o crescimento das pessoas e das instituições cristãs.

Uma reflexão escatológica adequada leva em conta o lugar do ser humano dentro da história, aquele que vive e, enquanto vive, aguarda a intervenção de Deus.

Assim, a função da escatologia cristã e seus enunciados escatológicos é libertar os crentes do medo do fim, para que eles gastem suas energias a serviço de Deus no presente.

Um saudável anúncio escatológico não promove desespero ou angústia, mas desperta a fé e a esperança num dia

em que o mundo será um lugar muito melhor. Num dia em que as palavras do visionário de Pátmos serão, enfim, uma realidade:

Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram (Ap 21.1-4).

O FIM DO MUNDO E DO INDIVÍDUO

Algumas pessoas confundem escatologia com apocalíptica, apocalipse ou literatura apocalíptica. São coisas que estão mais ou menos relacionadas, mas não são sinônimas.

É por isso que vamos nos dedicar, agora, a apresentar algumas definições. Com isso, ficará mais claro o que seja cada um desses termos, e o seu lugar na discussão a respeito do fim.

Escatologia

Escatologia é termo formado por duas palavras gregas: “escaton” e “logia”. “Escaton” significa “fim”, “derradeiro”, ou mais propriamente “intervenção final”. O termo veio a ser usado na tradição judaica para falar sobre a intervenção de Deus na história. “Logia”, por sua vez, se refere a estudo, reflexão, análise. Quando as duas expressões se juntam (escaton + logia), o significado é o estudo das últimas coisas, da intervenção final de Deus na história (escatologia cósmica) ou na vida do indivíduo (escatologia pessoal).

Como falar de escatologia é falar sobre intervenção divina, logo percebemos que há limites claros para uma discussão escatológica. Sendo Deus incognoscível, e o discurso teológico falível, o segundo não pode esgotar o primeiro. Nesse sentido, nosso falar sobre escatologia é sempre provisório e condicionado. Provisório, porque incompleto. Ninguém tem todos os dados. Condicionado pelos limites da linguagem e da cognição humana.

Mas mesmo dentro desses limites, de onde nasceu a necessidade da escatologia? Algumas respostas diferentes aparecem entre os estudiosos do tema, mas entendemos que quase todas giram em torno da morte. Ela é a realidade cruel que impede a continuidade da vida. Por que ela existe? De onde ela veio? Há alguma solução para ela? Essas questões estão no campo, também, da teodiceia. Ou seja, como conciliar a bondade de Deus com a realidade da morte, e do mal, no mundo?

Nos termos do salmista, a “sombra da morte” acompanha cada pessoa no mundo, desde o nascimento até seu derradeiro momento. Todas as pessoas que conhecemos, em algum momento, morrem. Para enfrentar essa dura realidade, ou sobrepujá-la, surgiu a escatologia. De alguma forma, então, a morte está na raiz das preocupações escatológicas.

Isso traz, também, uma consequência para o nosso raciocínio. Povos e culturas diferentes falaram, e ainda falam, sobre aquilo que é o último, o definitivo, o derradeiro. O pensar sobre o fim não é uma exclusividade cristã. O fim do mundo aparece em outras culturas e religiões.

A escatologia gerada em contexto cristão, entretanto, tem algumas marcas distintivas. Ela gira em torno de Cristo. Com isso, seu centro de gravidade não está necessariamente no além ou na vida futura. A escatologia cristã discute o futuro e a vida além, mas tem olhos bem abertos para o presente e o passado. No passado, por causa de Cristo. No presente, por causa do fiel.

Essa escatologia cristã tem, como berço, a escatologia judaica. Poderíamos até falar em escatologia judaico-cristã. Do judaísmo, veio o conceito de fim do mundo e da história como a conhecemos. É do Antigo Testamento que surge a ideia de uma inversão escatológica, quando Deus invadirá a realidade humana para alterá-la completamente.

Os proponentes dessa intervenção divina entendiam suas existências de forma tão diferente dos projetos iniciais de Deus que acreditavam que apenas uma intervenção divina na história poderia reconduzir todas as coisas ao fim intentado pelo Criador. A intervenção escatológica seria completa, definitiva, coletiva, sobrenatural, envolvendo não um povo, mas todo o universo, toda a criação.

Aplicando essa mensagem a Jesus, o Novo Testamento argumenta que Cristo é aquele que principiou o fim. Ele deu início ao “éschaton” de Deus. Nele, o fim já começou. Será ele, também, que terminará esse processo ao conduzir a história ao seu termo.

Literatura apocalíptica

Apocalíptica é uma perspectiva religiosa ou um complexo de ideias que se caracteriza pela preocupação com as últimas coisas ou com o juízo vindouro, traduzido nos apocalipses ou literaturas paralelas.

Já literatura apocalíptica é um conjunto de livros que surgiu entre 250 a.C. e 100 d.C., no seio do judaísmo, e, posteriormente, do cristianismo. Esse foi um período particularmente prolífero na produção de livros entre esses dois grupos religiosos. É certo, entretanto, que a maior parte das obras dessa época foi considerada espúria, não autorizados para leitura pública. Mas, mesmo assim, foram livros que gozaram de significativa relevância, especialmente em alguns círculos e comunidades.

A apocalíptica foi um movimento cultural que exerceu uma forte influência sobre os judeus do primeiro século e, naturalmente, também sobre o movimento de Jesus. Esse movimento entendia os conflitos de sua época como a luta cósmica entre Deus e as potências do mal, quase como um jogo dualista, onde Deus, junto com os seus filhos, lutava contra o mal e seus seguidores (os filhos do mal). No final, os primeiros seriam vitoriosos.

Além do dualismo, uma outra característica desse movimento cultural era a rejeição do tempo presente e a espera pela irrupção divina. O judeu daquele período se via vivendo num tempo mau que seria invadido de forma súbita pelo ungido de Deus (Messias), para implantar o Reino dos Céus e o conseqüente tempo porvir.

Com essa inauguração, o Velho Tempo (chamado de tempo de Satanás), caracterizado pelo pecado, enfermidade, seres demoníacos e o triunfo do mal, seria substituído pelo Novo Tempo (domínio de Deus e do Messias), caracterizado pela presença do Espírito, justiça, saúde e paz.

Dominados pelo pessimismo, os autores apocalípticos não viam nenhuma possibilidade de solução para as suas crises no plano da história. A única esperança era a intervenção divina. A espera girava em torno da inauguração do Reino Messiânico de Deus, ou do fim dos tempos. Esse fim seria o início de um novo tempo para os justos.

Em termos históricos, “apocalipse” é uma palavra que passou a ser usada pelas comunidades cristãs do segundo século em diante para indicar obras que se pareciam com o Apocalipse de João. Esse último livro do Novo Testamento, escrito por um membro do movimento de Jesus do fim do primeiro século de nome João, deu nome a toda uma série de obras que vieram antes e depois dele.

Apocalipse, então, se tornou termo para designar um gênero literário, pois eram obras que apresentavam conteúdo parecido, forma similar e propósitos paralelos. Não existe consenso entre os estudiosos sobre a relação exata dessas obras, mas é possível apontar aquelas que se tornaram as mais conhecidas:

- Daniel 6-12;
- Enoque;
- Enoque;

- Apocalipse de Abraão;
- O Apocalipse de Sofonias;
- 4 Esdras;
- Apocalipse de Baruque.

Se os estudiosos da área não se entendem nem para definir exatamente quais são as obras apocalípticas, também não concordam quanto a quais sejam suas características principais. Entretanto, de uma forma geral, uma e outra marca acaba ganhando preeminência, como:

- intensa dedicação à Escritura e ao culto religioso;
- grande movimentação de personagens celestiais, como anjos e demônios;
- inspiração e dependência de obras das Escrituras hebraicas, como Ezequiel, Zacarias e Isaías;
- tradição manuscrita. Ao contrário de alguns livros da Bíblia que primeiro foram pregados e transmitidos oralmente, para depois virem a ser escritos, a literatura apocalíptica é essencialmente textual, no que poderia ser definido como um movimento escribal;
- figuras fantasiosas que não existem na realidade concreta, onde predominam imagens de animais com inúmeros chifres, monstros assustadores, homens e mulheres gigantes;
- muitos símbolos, visões e narrativas dramáticas;

- um acentuado interesse pelo mundo celeste, pelo curso da história, pelo destino do mundo, pelo fim dos homens e mulheres;
- estes livros afirmam que suas mensagens vieram até seus autores por revelação direta de Deus através de sonhos e visões. Quase sempre existe o intermédio de um mensageiro sobrenatural, na figura de um ser angelical.

O surgimento da apocalíptica, ou seja, da perspectiva religiosa que denominamos de apocalíptica, se deu em um contexto de opressão e violência. Por isso, grande parte dos livros que ela produz expressam os anseios de um grupo que não via nenhuma esperança em termos de política ou no plano da história. Os dois grandes momentos de geração de apocalipses estão em torno da perseguição de Antíoco Epífanês a partir de 167 a.C. e da guerra dos judeus contra Roma entre 66 e 70 d.C.

A literatura apocalíptica é uma literatura que nasce primariamente em tempo de perseguição. Essa origem histórica marcou função social, pelo menos no início. Daí sua função de provocar resistência, coragem e esperança.

Quando fala do fim do mundo, não deseja simplesmente descrever a última etapa da história, mas sim desenhar o momento em que a mão forte de Deus estará presente, ao lado dos oprimidos, para levá-los à vitória contra os opressores. Ou seja, mesmo quando fala do futuro, é no presente que ela deseja influir. Interesse gratuito pelo futuro não passaria de especulação alienante.

São obras que, de certa forma, podem ser encaradas como literatura de subversão, já que, através da fé, anima os leitores, na certeza de que Deus está do lado dos seus filhos e filhas.

Obras como o Apocalipse de João são um brado de protesto, de desespero, de esperança. Esperança para os desesperançados. Elas revelam, desocultam a presença libertadora de Deus na história. Presença essa que para a maioria dos olhares era invisível. Dessa forma, são obras que se apresentam como juízo para os inimigos de Deus e boas novas para seus filhos.

O autor apocalíptico busca reconstruir a autoestima do povo perseguido dando-lhe uma visão das coisas celestiais e do juízo divino. Exatamente por isso, a crítica das instituições políticas e religiosas está presente na grande maioria dos apocalipses.

É uma literatura de gente oprimida e perseguida, se não concretamente do ponto de vista histórico, pelo menos que se sente assim. Afinal, a opressão pode se manifestar de formas mais sutis do que a prisão e a ameaça de morte. Muitos apocalipses judaicos criticaram até mesmo a sua própria liderança. Seus autores acreditavam que não estavam dignamente representados diante das forças hostis, geralmente estrangeiras.

O jeito de escrever e descrever a história e o mundo destes autores nasceu por causa de uma desintegração sócio-religiosa. Seu mundo estava ruindo. E as causas dessa crise poderiam ser encontradas, inicialmente, na perseguição por parte de autoridades locais ou estrangeiras, num processo

contínuo e sistemático de opressão. Nos tempos dos Macabeus, eram os herdeiros helenistas do Império de Alexandre o Grande; nos tempos do Novo Testamento, eram os romanos sucessores de Júlio César e Otávio Augusto.

O autor apocalíptico escreve com um intuito básico de animar seus leitores a permanecerem firmes. Para isso, conforta os que sofrem e exorta os vacilantes. Para dar esperança, fornece uma antecipação do fim, que, na verdade, será o começo de uma nova realidade.

Em alguns momentos, essa opressão era vislumbrada apenas pelo visionário apocalíptico. Seus contemporâneos não interpretavam a sua situação vivencial da mesma forma. Nesses casos, os estudiosos costumam dizer que a crise era percebida, mas não concreta. Desse modo, antes de buscar confortar os leitores, o escritor precisava primeiro convencê-los de que estavam vivendo sob opressão.

Apocalipse

A palavra “apocalipse” é uma junção da preposição grega “apó”, que pode ser traduzida por “de, da parte de”, mais o verbo “kalupto”, que pode ser traduzido por “velar”, “esconder”, “ocultar”. O resultado, então, é a ideia de “descortinamento” ou “revelação”.

O último livro do Novo Testamento começa exatamente com essa palavra, o que acabou caindo-lhe como um título. Ele se tornou tão popular que, posteriormente, veio a intitular todo o gênero literário do qual faz parte.

Na Bíblia, há dois apocalipses. No Antigo Testamento, o representante do gênero é Daniel 6-12. No Novo Testamento, o já mencionado Apocalipse de João. Mas é possível encontrar textos que se aproximam bastante do gênero, apesar de neles faltar um ou outro aspecto da definição formal de apocalipse. Nesse caso, é possível mencionar o Sermão Profético de Mateus 24 e 25 ou as seções escatológicas das cartas que Paulo escreveu aos Tessalonicenses.

Para se ler um apocalips propósito de seu autor;

- Todo o contexto histórico, como quem, o porquê, quando e para quem o livro foi escrito deve ser estudado com bastante atenção, pois isso define boa parte da interpretação;
- É o estudo dessas condições contextuais que viabiliza descortinar a sua mensagem e sua relevância, inicialmente para o público original (quer um judeu leitor de Daniel, ou um cristão leitor de Apocalipse de João), mas também, por analogia, para os crentes da atualidade.